

A noção de intencionalidade em Hirsch e o conceito de sentido em Pêcheux: dois horizontes na interpretação e novas possibilidades de leitura do texto bíblico

The notion of intentionality in Hirsch and the concept of meaning in Pêcheux: Two horizons in interpretation and new possibilities for reading the biblical text

Adriano da Silva Carvalho

Resumo

Os estudos linguísticos de perspectiva discursiva enfatizam o conceito de autonomia semântica e negam a noção realista da linguagem. Eles defendem que o conhecimento do sentido social e os efeitos da linguagem são importantes para se entender um texto. Para Michel Pêcheux em um discurso o significado das palavras pode ser explicado pela inter-relação entre palavras, mais especificamente, pelas palavras que não foram ditas. O sentido é pensado como simbólico, nem fixo, nem exato. Mas Eric Donald Hirsch argumentou que o texto significa o que seu autor quis dizer, e, portanto, o objetivo do leitor é recuperar o significado pretendido pelo autor. Somente a intenção autoral pode validar uma interpretação. Desses dois pontos de vista em divergência emergiram algumas questões como, por exemplo, é a linguagem um meio neutro de refletir o mundo? É possível um significado por consenso público? O significado textual é um assunto de consciência ou de palavras? E, mais, pode o leitor se beneficiar de uma perspectiva interpretativa que vai além da fronteira gramatical? São essas questões que este trabalho pretende explorar.

Palavras-chave: Autonomia semântica. Intencionalismo. Linguagem.

Abstract

Linguistic studies from discursive perspective emphasize the concept of semantic autonomy and deny the realist notion of language. They argue that knowledge of social meaning and the effects of language are important to understanding a text. For Michel Pêcheux, in a speech, the meaning of word scan be explained by the interrelationship between words, more specifically, by the words that were not said. Meaning is thought of as symbolic, neither fixed nor exact. But Eric Donald Hirsch argued that the text means what its author meant, and therefore the reader's aim is to retrieve the author's intended meaning. Only authorial intent can validate an interpretation. From the set who diverging points of view, some questions emerged, such as, for example, is language a neutral means of reflecting the world? Is a meaning by public consensus possible? Is textual meaning a matter of conscience or words? And more, can the reader benefit from an interpretive perspective that goes beyond the grammatical boundary? These are the questions that this work intends to explore.

Keywords: Semantic autonomy. Intentionalism. Language.

Introdução

As teorias da linguagem de orientação discursiva repensaram radicalmente a ideia de sentido e revisaram os conceitos de autor e leitor. Minimizou-se a influência do autor e o texto, foi pensado como um objeto cultural produzido a partir de certos condicionamentos históricos. A linguagem deixou de ser pensada como algo transparente. Mas essa revolução que ultrapassou o limite da língua enquanto sistema de signos foi enfrentada pelo argumento em favor de uma leitura objetiva do texto. Defendeu-se que a interpretação deve visar o significado pretendido pelo autor. Contudo, no fazer interpretativo, o momento histórico do leitor é tão relevante quanto a intenção do autor, pois ele lê o texto a partir da sua cosmovisão e inclui elementos que são próprios da sua cultura. Desse modo, o sentido não está preso ao passado do autor e não pode ser encontrado na compreensão de significados isolados de palavras

ou expressões, mas é construído pelas formações discursivas. Assim, a análise de um enunciado não deve estacionar na gramática, ao contrário, deve ir além, ou seja, perceber o texto como um objeto de uma cultura cujo significado depende de um contexto extralinguístico. Mas apenas um desses pontos de vista pode ser aplicado na análise de um enunciado? Esta pesquisa sugere que não. A linguagem articula-se de modo complexo. Por isso, no fazer interpretativo é importante não estacionar no conhecimento das palavras, ao contrário, deve-se levar em conta todos os fatores envolvidos no ato de dizer ou escrever. Deste modo este trabalho pretende demonstrar que essas duas formas de pensar a linguagem podem ser complementares na interpretação de um texto.

1. A noção saussuriana da linguagem

A noção clássica saussuriana considerava a linguagem como um código transparente.¹ Uma janela aberta que revelava o que ocorria na mente.² O enunciado era entendido como composto de códigos e signos visíveis. A compreensão do fenômeno da linguagem estava centrada apenas na língua, sistema ideologicamente neutro: as palavras significavam o que elas diziam. A gramática era prestigiada e a comunicação explicada como um processo de codificação e decodificação. A interpretação de um texto estava circunscrita às frases e o seu significado preso ao seu autor.

1.1. A intenção autoral

Antes do declínio do estruturalismo enfatizava-se que a interpretação de um texto devia ser buscada na intenção do seu autor, este era tido como tendo completo controle sobre as palavras que escreveu. Mas esse ponto de vista deixou de ser válido para muitos estudiosos da linguagem. Outros, no entanto, continuaram acreditando que tal pressuposto continuava adequado. Por exemplo, Donald Hirsch defendeu essa posição em sua discussão contra os proponentes da autonomia semântica.³ Ele norteou o seu argumento por três princípios, quais sejam: a intenção autoral; uma

¹ SANTANDER, P., *Porqué y cómo hacer análisis de Discurso*, p. 208.

² INIGUEZ, L., *Manual de análise do discurso em ciências sociais*, p. 58.

³ HIRSCH Jr., E. D., *Validity in Interpretation*, p. 10.

única leitura correta e a distinção entre significado e significância.⁴ Ele mostrou-se convencido de que a interpretação deve visar o significado pretendido pelo autor.⁵ De acordo com Hirsch “se o significado de um texto não é do autor, então nenhuma interpretação pode corresponder ao significado textual, uma vez que o texto não pode ter um significado determinado”.⁶ Por isso, qualquer tentativa de descobrir um significado independente do autor deve ser entendida como um equívoco.⁷ Hirsch foi enfático em afirmar: “se um texto não significa o que diz, então não significa nada em particular”.⁸ E, mais: “como somos todos diferentes do autor, não podemos reproduzir o significado pretendido em nós mesmos, e mesmo que por algum acidente pudéssemos, ainda não estaríamos certos de que o tivéssemos feito”.⁹ Além disso, quando o autor é distanciado da sua obra, nenhum princípio adequado passa a existir para julgar a validade de uma interpretação.¹⁰ A ideia aqui é que o significado verbal do autor poderia ser determinado e reproduzido, muito embora houvesse certa complexidade por trás disso.¹¹

1.2. Significado e significância

Hirsch defendeu que o significado textual não mudava de tempos em tempos ou de leitura para leitura.¹² Ele argumentou que na crítica acadêmica a importância e o uso de um texto devem estar enraizados em seu significado fixo, “visto que, de outra forma, a crítica não teria um objeto estável de investigação”.¹³ Esse autor fez uso de uma metáfora para explicar sua ideia sobre “significado fixo”:

Um objeto em um determinado momento é um evento do espaço-tempo que é (ou melhor era) o que era, e nenhum evento subsequente pode alterar o que era então. O mesmo é verdade para todos os eventos passados, sejam naturais ou

⁴ NAGAO, T., On Authorial Intention, p. 162.

⁵ NAGAO, T., On Authorial Intention, p. 162.

⁶ HIRSCH Jr., E. D., Validity in Interpretation, p. 5-6.

⁷ HIRSCH Jr., E. D., Validity in Interpretation, p. 2.

⁸ HIRSCH Jr., E. D., Validity in Interpretation, p. 13.

⁹ HIRSCH Jr., E. D., Validity in Interpretation, p. 14.

¹⁰ HIRSCH, Jr., E. D., Validity in Interpretation, p. 3.

¹¹ HIRSCH, Jr., E. D., Validity in Interpretation, p. 27.

¹² HIRSCH, Jr., E. D., Validity in Interpretation, p. 6.

¹³ HIRSCH, Jr., E. D., Meaning and Significance Reinterpreted, p. 203.

culturais. Eles eram o que eram, e nem mesmo uma bomba atômica pode mudar o que eles eram.¹⁴

Segue-se aqui o princípio enunciado por Edmund Husserl de que tanto os objetos físicos quanto os culturais, incluindo os significados verbais, são objetos intencionais, isto é, objetos para a mente.¹⁵

Hirsch se esforçou para explicar as diferenças entre a revisão que um autor pode fazer da sua obra e a mudança de significado textual:

Mesmo o enigmático caso do autor que não entende mais seu próprio texto é irrelevante para o nosso problema, pois sua situação é devida ao fato de que um autor, como qualquer outra pessoa, pode esquecer o que ele quis dizer. Nós todos sabemos que às vezes uma pessoa reconhece seus erros de memória e os corrige.¹⁶

Contudo, para esse estudioso não é o significado do texto que muda, mas sua significância para o autor. Ele definiu “significado” como aquilo que é representado por um texto, isto é, o que o autor quis dizer com o uso de uma sequência particular de signos, é o que os signos representam.¹⁷ Já a “significância” nomeia uma relação entre esse significado e uma pessoa, ou uma concepção, ou uma situação, ou mesmo qualquer coisa imaginável.¹⁸ O significado foi concebido como um “esquema auto idêntico cujas fronteiras são determinadas por um evento de fala originário”, e significância como uma relação traçada entre “aquele significado idêntico a si mesmo e algo, qualquer outra coisa”.¹⁹ Mais tarde Hirsch revisaria sua opinião ao rejeitar a ideia de que futuras aplicações de significado, cada uma sendo diferente, deviam pertencer ao domínio da significância: “isso estava errado, porque diferentes aplicações não estão necessariamente fora dos limites do significado”.²⁰

¹⁴ HIRSCH, Jr, E. D., *Meaning and Significance Reinterpreted*, p. 203.

¹⁵ HIRSCH, Jr, E. D., *Meaning and Significance Reinterpreted*, p. 203.

¹⁶ HIRSCH, Jr, E. D., *Validity in Interpretation*, p. 7-8.

¹⁷ HIRSCH, Jr, E. D., *Validity in Interpretation*, p. 8.

¹⁸ HIRSCH, Jr, E. D., *Validity in Interpretation*, p. 8.

¹⁹ HIRSCH, Jr, E. D., *Meaning and Significance Reinterpreted*, p. 204.

²⁰ HIRSCH, Jr, E. D., *Meaning and Significance Reinterpreted*, p. 210.

1.3. Significado e consenso público

Segundo Hirsch a suposição de um significado patrocinado por um consenso público é um erro de observação e lógica:²¹ “o significado público de um texto nada mais é do que os significados que o público constrói a partir do texto”.²² Para esse autor não existe o tal “consenso público”, “se ele existe, (pergunta o estudioso) por que nós que somos o público, discordamos”? E ele continua: “existe um grupo que constitui o verdadeiro público, enquanto o resto são hereges e forasteiros”?²³ Hirsch está convencido que o tal consenso não existe: “é um erro lógico erigir um conceito normativo estável (o significado público) a partir de um descritivo instável”.²⁴ Para esse autor o objetivo de reproduzir um passado inacessível e privado deveria ser descartado como um empreendimento fútil.²⁵ No entanto, ele reconheceu ser essencial entender alguns fatos públicos da linguagem e da história para não perder alusões ou confundir os sentidos contemporâneos das palavras.²⁶

1.4. Significado e consciência

Hirsch defendeu que o significado era um assunto de consciência, não de palavras. Para ele qualquer seqüência de palavras, podia, sob as convenções da linguagem, representar mais de um complexo de significados. Ele destacou: “uma seqüência de palavras não significa nada em particular até que alguém signifique alguma coisa ou retenha algo dela. Não há terra mágica de significados fora da consciência humana”.²⁷ Ele reconhece “que a significância, mutável ou não, é o mais valioso objeto da interpretação, porque normalmente abrange o uso atual de textos, e o uso atual é o valor presente”.²⁸ Hirsch reavaliou e ampliou sua visão sobre esse assunto:²⁹ “minhas visões atuais são mais amplas do que antes, tanto porque vejo novas

²¹ HIRSCH, Jr, E. D., *Validity in Interpretation*, p. 13.

²² HIRSCH, Jr, E. D., *Validity in Interpretation*, p. 13.

²³ HIRSCH, Jr, E. D., *Validity in Interpretation*, p. 13.

²⁴ HIRSCH, Jr, E. D., *Validity in Interpretation*, p. 13.

²⁵ HIRSCH, Jr, E. D., *Validity in Interpretation*, p. 14.

²⁶ HIRSCH, Jr, E. D., *Validity in Interpretation*, p. 14.

²⁷ HIRSCH, Jr, E. D., *Validity in Interpretation*, p. 4.

²⁸ HIRSCH, Jr, E. D., *Meaning and Significance Reinterpreted*, p. 202-203.

²⁹ HIRSCH, Jr, E. D., *Meaning and Significance Reinterpreted*, p. 224.

exemplificações como parte de um significado auto idêntico quanto porque também considero pequenos ajustes conceituais como parte do mesmo significado”.

2. A opacidade da linguagem: análise de discurso

Não existe apenas uma única linha da teoria da análise de discurso, mas muitas. No entanto, há um ponto em comum entre elas, a saber, “a rejeição da noção realista de que a linguagem é simplesmente um meio neutro de refletir ou descrever o mundo”.³⁰ A análise de discurso não procura um sentido verdadeiro através de uma chave de interpretação: não existe uma chave para se interpretar um enunciado (dito, texto etc.), há métodos e a construção de um dispositivo teórico. Não há uma verdade oculta por trás do texto. O sentido não está “colado” na palavra, mas é um elemento simbólico, não é fechado, nem exato.³¹ Por isso, os estudiosos das várias linhas da análise do discurso têm se voltado para o contexto de uso da linguagem como lugar de onde emergem os fatores determinantes do comportamento linguístico.³² A ênfase tem sido sobre a materialidade simbólica própria e significativa da linguagem.³³ O enunciado é percebido como um objeto cultural produzido a partir de certos condicionamentos históricos.³⁴ O texto é visto como uma organização transfrásica mobilizadora de estruturas de natureza diferente das da frase.³⁵ Alguns estudiosos falam de uma gramática que preside à construção do texto.³⁶ Muita atenção é dirigida para certos sentidos determinados pelas posições ideológicas no processo sócio histórico em que as palavras são enunciadas. Essas posições têm sido interpretadas como um conjunto de representações dominantes em uma determinada classe dentro de uma sociedade.³⁷ Também é discutido a ausência de uma relação direta entre as representações e a língua.³⁸ Esses estudos

³⁰ CAREGNATO, R. C. A; MUTTI, R., Pesquisas qualitativas, p. 680.

³¹ CAREGNATO, R. C. A; MUTTI, R., Pesquisas qualitativas, p. 681.

³² FOLLY, D. R.F., Análise do fenômeno da dêixis em discurso oral contextualizado em reunião da Assembleia Legislativa de Minas Gerais, p. 1.

³³ SILVA, M. A. S. M., Sobre a análise do Discurso, p. 16.

³⁴ FIORIN, J. L., Elementos de análise do Discurso, p. 10.

³⁵ SEBASTIÃO, I. C., Interatividade entre práticas e aprendizagens de leituras no ensino básico, p. 19-20.

³⁶ FIORIN, J. L., Elementos de análise do Discurso, p. 9.

³⁷ GREGOLIN, M. R. V., A análise do discurso conceitos e aplicações, p. 17.

³⁸ GREGOLIN, M. R. V., A análise do discurso conceitos e aplicações, p. 17.

indicam que a interpretação é uma tarefa complexa:³⁹ “uma vez que a leitura eficiente de um texto depende da capacidade do leitor em perceber certas instâncias linguísticas indispensáveis à ancoragem enunciativa”. Fica claro que os teóricos de orientação discursiva se opõem às abordagens filológicas e estruturalistas, pois, analisam a matéria linguística não como uma entidade abstrata, mas como um fato social.⁴⁰ Nesse empreendimento eles ultrapassam os limites da língua como sistema de signos.⁴¹ Mas não se trata de inserir a linguagem numa perspectiva sociológica na qual a relação entre a sociedade e a língua seria de determinismo unilateral, mas “considerar a dualidade externo/interno como constitutiva da linguagem e a produção do sentido como um processo de interação social”.⁴²

A concepção de que a linguagem em funcionamento não é transparente e de que os sentidos não são dados pela simples atribuição de um significado a cada significante implica em um novo ponto de vista para os estudos linguísticos, que relaciona a estrutura linguística ao acontecimento discursivo: “a univocidade pretendida pela leitura com foco na busca de um sentido único, a ser encontrado pelo leitor, é substituída pela compreensão de que os sentidos são múltiplos e condicionados a fatores extralinguísticos”.⁴³

2.1. O conceito de discurso

O objeto de estudo da análise de discurso é o “discurso”, ou seja, a língua funcionando para produção de sentidos.⁴⁴ Os analistas de discurso consideram que a linguagem não é transparente e procuram detectar num texto como ele significa.⁴⁵ Eles relativizam a autonomia do objeto da linguística, ou seja, a língua como sistema abstrato, fechada nela mesma, e impõem a “ideia” de discurso.⁴⁶ Conseqüentemente na análise de um texto o foco se desloca das frases para o discurso.⁴⁷ Este pode ser percebido através dos meios que lhe

³⁹ MAINGUENEAU, D., *Análise de texto de comunicação*, p. 123-124.

⁴⁰ DIAS, D. L., *O saber-Fazer comunicativo*, p. 17.

⁴¹ OLIVEIRA, G. F., *A enunciação em Michel Pêcheux*, p. 268.

⁴² DIAS, D. L., *O saber-Fazer comunicativo*, p. 17.

⁴³ DELLA-SILVA, S. C., *Pêcheux e a Pluralidade dos sentidos*, p.1-2.

⁴⁴ SILVA, M. A. S. M., *Sobre a análise do discurso*, p. 16.

⁴⁵ SILVA, M. A. S. M., *Sobre a análise do discurso*, p. 16.

⁴⁶ SILVA, M. A. S. M., *Sobre a análise de Discurso*, p. 17.

⁴⁷ BRASIL, L. L., *Michael Pêcheux e a teoria da análise de discurso*, p. 172.

confere forma material.⁴⁸ Daí a ênfase na outra parte do enunciado, isto é, a não verbal, que corresponde ao contexto da enunciação.⁴⁹ Em outras palavras, a matéria linguística é apenas uma parte do enunciado.⁵⁰ Por isso, o esforço dos analistas em compreender como a ideologia se materializa no discurso e como este se materializa na língua.⁵¹ Eles procuram perceber a relação entre linguagem, sociedade e história, ou melhor, entender, “como o discurso se insere em uma ordem perpassada por coerções de ordem linguística e social”.⁵²

2.2. Michel Pêcheux

Pêcheux tomou a dianteira nos estudos sobre a análise de discurso na França. Ele foi o principal proponente dessa disciplina naquele país.⁵³ Conquistou essa posição a partir da publicação do livro “Análise Automática do Discurso” de 1969.⁵⁴ Esta obra tornou-se uma referência para praticamente todas as obras sobre a análise de discurso publicada na França nas décadas de 70 e 80.⁵⁵ Também recebeu pronta recepção na Itália, Espanha, Portugal e vários países da América Latina.⁵⁶ Os ingleses conheceram Pêcheux através do seu trabalho “Linguagem, Semântica e Ideologia”, tradução do seu segundo livro, “Les Verités de La Palice” de 1975.⁵⁷

⁴⁸ MILANEZ, N.; SANTOS, J. J., *Análise do discurso*, p. 9.

⁴⁹ ORLANDI, E. P., *Análise de discurso*, p. 15.

⁵⁰ BRANDÃO, H. H. N., *Introdução à análise do discurso*, p. 8; SILVA, M. A. S. M., *Sobre a análise do discurso*, p. 16.

⁵¹ SILVA, M. A. S. M., *Sobre a análise de Discurso*, p. 17.

⁵² MILANEZ, N.; SANTOS, J. J., *Análise do discurso*, p. 18; SOUZA, E. M.; SOUZA-RICARDO, P. A.G., *O discurso nosso de cada dia*, p. 2.

⁵³ HELSLOOT, N.; HAK, T., *Pêcheux’s Contribution to Discourse Analysis*, p. 4.

⁵⁴ Não existe apenas uma linha de estudo da análise de discurso. Ao contrário, Rita Caregnato e Regina Mutti falam em 57 variedades de análise de discurso “com enfoques variados a partir de diversas tradições teóricas, porém todas reivindicando o mesmo nome”, CAREGNATO, R. C. A.; MUTTI, R., *Pesquisas qualitativas*, p. 680.

⁵⁵ HELSLOOT, N.; HAK, T., *Pêcheux’s Contribution to Discourse Analysis*, p. 3.

⁵⁶ HELSLOOT, N.; HAK, T., *Pêcheux’s Contribution to Discourse Analysis*, p. 3.

⁵⁷ HELSLOOT, N.; HAK, T., *Pêcheux’s Contribution to Discourse Analysis*, p. 4.

2.2.1. A crítica pecheutiana

Pêcheux com o livro “Análise Automática do Discurso” de 1969 iniciou sua crítica da forma tradicional da análise de conteúdo e da análise textual.⁵⁸ Ele elegeu como central para sua abordagem o conceito de condição de produção do discurso.⁵⁹ Partindo do modelo de comunicação de Jakobson, argumentou que as posições do sujeito naquele modelo: a de falante e escritor, a de ouvinte e leitor, deveriam ser interpretadas como lugares imaginários e posições temporárias específicas.⁶⁰ Pêcheux acreditava que o importante é o lugar que cada um atribui a si mesmo, ao outro, e ao referente. Também ressaltou que os lugares são imaginários não no sentido de serem irreais, mas por estarem relacionados com imagens que produzem efeitos materiais.⁶¹ No entanto, os protagonistas não são livres na escolha dessas imagens, visto dependerem de certas relações estruturais como o que é dito anteriormente e em outro lugar.⁶² É por essa razão que há uma variação da estabilidade do “significado”.⁶³

2.2.2. Relações metafóricas

Para Pêcheux o significado das palavras em um discurso podia ser explicado por sua relação com outras palavras que não foram ditas: “palavras que poderiam ter sido ditas, mas não foram, palavras que foram ditas anteriormente (na mesma ocasião ou em outras ocasiões), e palavras que não poderiam ser ditas”.⁶⁴ Essa inter-relação entre palavras é o que Pêcheux chama relações metafóricas.⁶⁵ Nessa perspectiva o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição não existe em si mesmo, isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante, mas é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico.⁶⁶ Desse modo, as palavras, expressões, proposições etc.,

⁵⁸ HELSLOOT, N.; HAK, T., Pêcheux’s Contribution to Discourse Analysis, p. 12.

⁵⁹ HELSLOOT, N.; HAK, T., Pêcheux’s Contribution to Discourse Analysis, p. 12.

⁶⁰ HELSLOOT, N.; HAK, T., Pêcheux’s Contribution to Discourse Analysis, p. 12.

⁶¹ HELSLOOT, N.; HAK, T., Pêcheux’s Contribution to Discourse Analysis, p. 12-13.

⁶² HELSLOOT, N.; HAK, T., Pêcheux’s Contribution to Discourse Analysis, p. 13.

⁶³ HELSLOOT, N.; HAK, T., Pêcheux’s Contribution to Discourse Analysis, p. 13.

⁶⁴ HELSLOOT, N.; HAK, T., Pêcheux’s Contribution to Discourse Analysis, p. 13.

⁶⁵ HELSLOOT, N.; HAK, T., Pêcheux’s Contribution to Discourse Analysis, p. 13.

⁶⁶ PÊCHEUX, M., Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio, p. 160.

mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam.⁶⁷ Pensou-se aqui em uma teoria do significado como um efeito das relações de seleção e substituição, que são específicas para as condições e produção de texto.⁶⁸

2.2.3. A noção de sujeito

Pêcheux pôs a noção de sujeito em discussão, a saber, “um sujeito específico para a análise de discurso, o sujeito do inconsciente, da linguagem, interpelado pela ideologia, descentrado, constituído e atravessado pela linguagem”.⁶⁹ Essa fase da “análise automática do discurso” se ancorou na ideia saussuriana de que a linguagem é um sistema compartilhado por uma comunidade e pode ser tratada como um dispositivo formal neutro em um instrumento da análise do discurso.⁷⁰ Pêcheux, mais à frente introduziu em sua teoria conceitos vindos de Althusser (ideologia) e de Lacan (psicanálise), e desse modo pode teorizar as assimetrias entre os discursos.⁷¹ Três grandes áreas do conhecimento se cruzaram, o materialismo histórico, a linguística e a teoria do discurso, e mais uma teoria não subjetiva do sujeito de ordem psicanalista. Isso porque o sujeito é afetado pelo inconsciente.⁷² Luciana Leão Brasil comentou que a teoria proposta por Pêcheux revelou uma maneira distinta de pensar a ciência da linguagem: “o estudioso francês pensou a linguagem em sua prática atribuindo valor ao trabalho simbólico com a divisão política dos sentidos”.⁷³

2.2.3.1. Múltiplos sentidos

Os estudiosos da análise de discurso buscaram deixar claro o papel importante do leitor na interpretação de um texto. Eles enfatizaram que o leitor traz seus dados pessoais e sua formação cultural para o texto, produzindo seu próprio significado único:

⁶⁷ PÊCHEUX, M., Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio, p. 160.

⁶⁸ HELSLOOT, N.; HAK, T., Pêcheux's Contribution to Discourse Analysis, p. 13-14.

⁶⁹ HELSLOOT, N.; HAK, T., Pêcheux's Contribution to Discourse Analysis, p. 14.

⁷⁰ HELSLOOT, N.; HAK, T., Pêcheux's Contribution to Discourse Analysis, p. 15.

⁷¹ HELSLOOT, N.; HAK, T., Pêcheux's Contribution to Discourse Analysis, p.17.

⁷² Para Pêcheux o sujeito do discurso não se pertence, ele se constitui pelo esquecimento daquilo que o determina. Para mais detalhes: Brasil, Luciana Leão. Michel Pêcheux e a teoria de discurso, p. 172-173.

⁷³ BRASIL, L. L., Michel Pêcheux e a teoria de discurso, p. 172.

“o que o leitor traz para o texto afetará o que ele faz das sugestões verbais”.⁷⁴ Mas, essa opinião foi enfrentada pelo argumento que defendeu que o leitor é purgado de seus dados pessoais através da transação com o texto.⁷⁵ Entretanto, acredita-se que o conceito de um significado único encontrado na intenção autoral possa estar refletindo uma tendência do ser humano à univocidade.⁷⁶ Assim “para eliminar a plurivocidade dos sentidos e alcançar o efeito pretendido, a sociedade atual desenvolveu estratégias de classificação dos espaços discursivos e supõe que todo sujeito falante sabe do que se fala”.⁷⁷ Porém, de acordo com a análise de discurso “cada estudo é particular, desse modo, cada sentido apreendido também é particular”.⁷⁸

2.3. A pretensão de Pêcheux

Pêcheux, de acordo com Claudiana Narzetti, foi explícito ao afirmar que seu objetivo era considerar as consequências de uma posição materialista no elemento de uma teoria marxista – leninista das ideologias com respeito aos chamados “processos discursivos”.⁷⁹ Segundo essa autora, o filósofo francês acreditava que a análise de discurso que defendia fosse um instrumento teórico que poderia ser aplicado a vários domínios do saber.⁸⁰ Ele “concebeu seu sistema como uma espécie de cavalo de Tróia destinado a ser introduzido nas ciências sociais para provocar uma reviravolta”.⁸¹ Em que consistiria essa reviravolta? Narzetti explica:

Segundo Pêcheux, ao passarem a utilizar o instrumento análise de discurso que trazia conceitos provenientes do materialismo histórico, essas ciências seriam levadas a trabalhar com esses novos conceitos e começariam a pensar em problemas nos quais antes não pensavam como relações sociais de classe, formação social, modo de produção, condição e posição de classe, ideologia.⁸²

⁷⁴ NAGAO, T., On Authorial Intention, p. 167.

⁷⁵ NAGAO, T., On Authorial Intention, p. 167.

⁷⁶ DELLA-SILVA, S. C., Pêcheux e a Pluralidade dos sentidos, p.3.

⁷⁷ DELLA-SILVA, S. C., Pêcheux e a Pluralidade dos sentidos, p.4.

⁷⁸ FURUTA, A. M. B.; RODRIGUES, M. L., Análise do discurso dos Cânticos de Salomão, p. 33.

⁷⁹ COSTA, C. N. P. N., As linhas da análise do discurso na França nos anos 60-70, p. 62.

⁸⁰ COSTA, C. N. P. N., As linhas da análise do discurso na França nos anos 60-70, p. 64.

⁸¹ COSTA, C. N. P. N., As linhas da análise do discurso na França nos anos 60-70, p. 65.

⁸² COSTA, C. N. P. N., As linhas da análise do discurso na França nos anos 60-70, p. 65.

3. Novas possibilidades para o intérprete da Bíblia

Os estudiosos têm observado que pensar a interpretação como uma ação que vai além da análise de uma sequência fechada de palavras é abrir-se para múltiplas possibilidades de leitura de um texto. Essas alternativas decorrem da análise dos textos como objeto cultural produzido a partir de certos condicionamentos históricos, e nesse caso, o sentido não está nas palavras, mas na posição ocupada por quem as emprega, podendo mudar conforme mudam essas posições.⁸³ Assim, a ideia de que o sentido de um texto coincide com a intenção do seu autor é considerada irrelevante.⁸⁴ Os processos discursivos estão na fonte da produção dos sentidos e a língua é o lugar material onde se realizam os efeitos de sentido.⁸⁵ E, nesse caso, cada sentido é particular.

3.1. Multiplicação dos pães

A passagem que conta a história de uma multidão sendo alimentada com cinco pães e dois peixes é uma das mais conhecidas e citadas dos Evangelhos (Mt 14, 13-21, Mc 6,31-44, Lc 9,10-17, Jo 6, 5-15). Essa narrativa tem recebido interpretações diversas. Mas é importante manter em mente que o sentido resulta de sua inscrição em uma formação discursiva, já que uma mesma palavra varia de uma formação discursiva para outra.⁸⁶ Assim, o episódio da multiplicação dos pães pode ser interpretado como um sinal de caráter messiânico da pessoa de Jesus; ou sob uma visão sociopolítica do Evangelho, “apresentando um ensinamento de partilha sem manifestações naturais”.⁸⁷ Em todo o caso, a posição assumida vai estar de acordo com a concepção de milagre que melhor se identifica com a ideologia do leitor.⁸⁸

⁸³ CORREIA, K.; FONSECA, T. Pêcheux entre o sujeito da interpelação e o do inconsciente ou duas saídas para uma mesma questão, p. 263.

⁸⁴ CROATTO, J. S. *Hermenêutica Bíblica*, p. 37.

⁸⁵ GREGOLIN, M. R. V. *A análise do discurso conceitos e aplicações*, p. 18.

⁸⁶ BRASIL, L. L. *Michel Pêcheux e a teoria de discurso*, p. 174.

⁸⁷ PEREIRA, F. M.; SANTOS, V.P.; NEDER, M. A. V., *Análise do discurso do milagre da multiplicação dos Pães*.

⁸⁸ PEREIRA, F. M.; SANTOS, V.P.; NEDER, M. A. V., *Análise do discurso do milagre da multiplicação dos Pães*.

3.2. Cântico de Salomão

Alguns autores costumam afirmar, com o Cântico dos Cânticos em mente, que em nenhum outro lugar das Escrituras pode ser encontrado a letra, a erótica e a estética do amor humano e divino.⁸⁹ Mas a história de interpretação desse livro é longa e variada e pode ser resumida em leituras alegóricas, naturais e místicas.⁹⁰ A primeira nega o amor erótico como o principal assunto do livro; a segunda defende que o assunto tratado no livro é o amor erótico; a terceira afirma que o livro traça um paralelo entre os mitos eróticos do Antigo Oriente.⁹¹ Analisado sob a perspectiva da análise do Discurso, o Cântico dos Cânticos pode apresentar traços libertadores, mas também opressores para as mulheres, por exemplo, ao “pregar pela preservação do corpo, ou melhor, que a mulher aguarde até o casamento para iniciar a sua sexualidade”.⁹² Percebe-se aqui os reflexos da sociedade patriarcal de onde o livro emergiu.⁹³ Novamente é importante lembrar que o sentido pode variar de uma formação discursiva para a outra.

3.3. É dando que se recebe

Esse enunciado é bom exemplo sobre como o sentido pode ser simbólico e múltiplo.⁹⁴ Pois ele pode ser pronunciado tanto por um padre, quanto por um político ou mesmo por uma prostituta, com sentidos diferentes para cada sujeito.⁹⁵ Mas, acredita-se que sua fonte originária tenha sido o discurso religioso, permanecendo no contexto sócio-histórico e ficando na memória do dizer, ou memória discursiva, “voltando em um novo contexto, de outro momento histórico com novas significações, perdendo o sentido religioso e popularizando-se no sentido político e vulgar”.⁹⁶ Assim, a subjetividade e o momento histórico de cada sujeito devem ser levados em conta para a

⁸⁹ LAM, Judy E. Reading the Song of Songs through a spiritual direction lens, p.1.

⁹⁰ GONÇALVES, Humberto Eugenio Maiztegui. Amor Plural, p. 17.

⁹¹ GONÇALVES, Humberto Eugenio Maiztegui. Amor Plural, p. 17.

⁹² FURUTA, A. M. B.; RODRIGUES, M. L. Análise do discurso dos Cânticos de Salomão, p. 33.

⁹³ FURUTA, A. M. B.; RODRIGUES, M. L. Análise do discurso dos Cânticos de Salomão, p. 33.

⁹⁴ CAREGNATO, R. C. A.; MUTTI, R., Pesquisas qualitativas, p.681.

⁹⁵ CAREGNATO, R. C. A.; MUTTI, R., Pesquisas qualitativas, p.681.

⁹⁶ CAREGNATO, R. C. A.; MUTTI, R., Pesquisas qualitativas, p.681.

compreensão de como o discurso constitui sentidos.⁹⁷ E, mesmo a linguagem bíblica é atravessada por fatores sociais e culturais.⁹⁸ E, portanto, o emprego da análise de discurso na leitura de seus textos pode ampliar a visão do leitor permitindo que realize interpretações que fujam do usual.⁹⁹

Conclusão

Esta pesquisa mostrou como a interpretação de um texto pode requerer do intérprete mais que o conhecimento das palavras enquanto elementos de uma frase. A compreensão da sintaxe e semântica é importante, mas a interpretação não deve parar por aí. Fatores linguísticos, psicológicos e sociais devem ser levados em consideração no fazer interpretativo. Michel Pêcheux e Donald Hirsch nos deixaram a par disso. O primeiro, ao falar sobre o significado das palavras a partir das posições ideológicas que estão no processo sócio-histórico do autor e leitor. O segundo, ao enfatizar a importância de um objeto estável de investigação. De modo geral podemos dizer que Pêcheux buscou enfatizar os mecanismos invisíveis de um enunciado, enquanto Hirsch se deteve em explicar suas partes visíveis. Inegavelmente duas contribuições importantíssimas para o estudo da linguagem, muito embora, divirjam uma da outra. Contudo, a tese que defende esta pesquisa é que esses dois pontos de vista podem ser complementares na interpretação de um texto: “de um lado, podem-se analisar os elementos sintáticos e semânticos responsáveis pela produção do sentido; de outro, pode-se compreender o discurso como objeto cultural, produzido a partir de certos condicionamentos históricos, em relação dialógica com outros textos”.¹⁰⁰

Referências bibliográficas

BRANDÃO, H. H. N. **Introdução à análise do discurso**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2004.

⁹⁷ DELLA-SILVA, S. C., Pêcheux e a Pluralidade dos sentidos, p.3.

⁹⁸ KOMPAORÉ, A. E. G., Discourse analysis of directive texts, p. 1-15.

⁹⁹ FURUTA, A. M. B.; RODRIGUES, M. L., Análise do discurso dos Cânticos de Salomão, p. 33.

¹⁰⁰ FIORIN, J. L., Elementos de análise do Discurso, p. 10.

BRASIL, L. L. Michel Pêcheux e a teoria de discurso: desdobramentos importantes para a compreensão de uma tipologia discursiva. **Linguagem-Estudos e Pesquisas**, v. 15, n.1, p. 171-182, 2011.

CAREGNATO, R. C. A.; MUTTI, R. Pesquisas qualitativas: análise de discurso versus análise de conteúdo. **Texto Contexto Enferm.**, v. 15, n. 4, p. 679-684, 2006. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/tce/a/9VBbHT3qxByvFctbZDZHgNP/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 5 set. 2021.

CROATTO, J. Severino. **Hermenéutica Bíblica: un libro que enseña a leer creativamente la biblia**. Buenos Aires: Lumen, 1994.

COSTA, C. N. P. N. **A formação do projeto teórico de Michel Pêcheux: de uma teoria geral das ideologias à análise do discurso**. Araraquara, 2008. 190f. Dissertação. Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara.

COSTA, C. N.P. N. As linhas da análise do discurso na França nos anos 60-70. **RevLet - Revista Virtual de Letras**, v. 2, p. 51-70, 2010.

CORREIA, Karen; FONSECA, Thales. Pêcheux entre o sujeito da interpelação e o do inconsciente ou duas saídas para uma mesma questão. **Analytica**, v.7, n.13, p. 259- 276, 2018.

DELLA-SILVA, S. C. Pêcheux e a Pluralidade dos sentidos. In: Seminário de Estudos em Análise de Discurso, 1º, 2003, Rio Grande do Sul. **Anais – Análise de Discurso e Michel Pêcheux: uma relação de nunca acabar**. Porto Alegre, RS: UFRGS, 2003. p. 1-6. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/1SEAD/Paineis/SilmaraCristinaDelaSilva.pdf>>. Acesso em: 22 out. 2021.

DIAS, D. L. O saber-Fazer comunicativo. In: MACHADO, I. L.; CRUZ, A. R.; DIAS, D. L. (Orgs.). **Teorias e práticas discursivas**. Estudos em Análise do Discurso. Belo Horizonte: UFMG/FALE/Núcleo de Análise do Discurso / Carol Borges Editora, 1998. p.17-24.

FIORIN, J. L. **Elementos de análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2000.

FOLLY, D.R. F. Análise do fenômeno da dêixis em discurso oral contextualizado em reunião da Assembleia Legislativa de Minas Gerais.

Revista Gatilho, v.8, n.15, 2012. Disponível em:<<https://periodicos.ufjf.br/index.php/gatilho/article/view/27016>>. Acesso em: 08 mai. 2017.

FURUTA, A. M. B.; RODRIGUES, M. L. Análise do discurso dos Cânticos de Salomão. **Traços de Linguagem: Revista de estudos linguísticos**, v.1, n. 2, p. 27-34, 2017.

GREGOLIN, M. R. V. **A análise do discurso conceitos e aplicações**. São Paulo: Editora Alfa, 1995.

HELSLOOT, N.; HAK, T. Pêcheux's contribution to discourse analysis. In: HAK, T.; HELSLOOT, N. Michel Pêcheux. **Automatic Discourse Analysis**. Amsterdam / Atlanta, GA: Rodopi, 1995. p. 3-20.

HIRSCH Jr., E. D. Meaning and Significance Reinterpreted. **Chicago Journals: Critical Inquiry**, v.11, n. 2, p. 202-225, 1984.

HIRSCH Jr., E.D. **Validity in Interpretation**. London: Yale University Press, 1967.

ĨÑIGUEZ, L. **Manual de análise do discurso em ciências sociais**. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.

KOMPAORÉ, A. E. G. **Discourse analysis of directive texts: the case of biblical Law**. Indiana, 2004. 129f. Dissertação. Associated Mennonite Biblical Seminary.

LIMA, D. A. **O discurso Religioso Propagado como forma de segregar o homossexual**. Campina Grande, 2016. 38p. Monografia. Departamento de Letras e Artes, Universidade Estadual da Paraíba. Disponível em:<<http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/10608/1/PDF%20-%20Daniely%20Almeida%20de%20Lima.pdf>>. Acesso em: 10 set.2021.

MAINGUENEAU, D. **Análise de texto de comunicação**. São Paulo: Editora Cortez, 2004.

MILANEZ, N.; SANTOS, J. J. **Análise do discurso: objetos, sujeitos e olhares**. São Paulo: Editora Clara luz, 2009.

NAGAO, T. On Authorial Intention: E.D. Hirsch's Validity in Interpretation Revisited. **Hokkaido University**, v.40, n. 1, p. 161-180, 1991. Disponível

em:<[https://eprints.lib.hokudai.ac.jp/dspace/bitstream/2115/33579/1/40\(1\)_P1161-180.pdf](https://eprints.lib.hokudai.ac.jp/dspace/bitstream/2115/33579/1/40(1)_P1161-180.pdf)>. Acesso em: 09 jul. 2021.

OLIVEIRA, G. F. A enunciação em Michel Pêcheux: uma questão inquietante/ Enunciation in Michel Pêcheux: A disturbing Question. **Rev. Estud. Discurso**, v.15, n.3, p. 267-296, jul./sep. 2020.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Campinas, SP: Editora Pontes, 2009.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 2.ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995.

PEREIRA, F. M.; SANTOS, V.P.; NEDER, M. A. V. Análise do discurso do milagre da multiplicação dos Pães. In: **XII Encontro Latino Americano de Iniciação Científica e VIII Encontro Americano de Pós-Graduação da Universidade do Vale do Paraíba**. Disponível em:<http://cronos.univap.br/cd/INIC_2008/anais/arquivosINIC/INIC1212_01_A.pdf>. Acesso em: 4 abr. 2019.

SANTANDER, P. Por qué y cómo hacer análisis de Discurso. *Cinta moebio*, n. 41, p. 207-224, 2011. Disponível em: <www.moebio.uchile.cl/41/santander.html>. Acesso em: 05 dez. 2016.

SEBASTIÃO, I.C. **Interatividade entre práticas e aprendizagens de leituras no ensino básico**: o discurso epistolar. Lisboa, 2012. 410f. Dissertação. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.

SILVA, M.A. S.M. Sobre a análise do Discurso. **Revista de Psicologia da UNES**, v.4, n. 1, p. 16-40, 2005.

SOUZA, E. M.; SOUZA-RICARDO, P. A. G. O discurso nosso de cada dia: a análise do discurso e o pós-estruturalismo. In: Encontro da ANPAD, 32., 2008, Rio de Janeiro. **Anais do ENANPAD**. Rio de Janeiro, 2008. Disponível em:<http://www.anpad.org.br/diversos/down_zips/38/EPQ-A696.pdf>. Acesso em: 07 jun. de 2021.



ISSN 2596-2922

DOI: 10.46859/PUCRio.Acad.ReBiblica.2596-2922.2022v3n6p325

Adriano da Silva Carvalho

Mestre em Estudos Hermenêuticos Centro Presbiteriano Andrew Jumper
Docente do Departamento de Línguas Clássicas e Vernáculos do Instituto
Brasileiro de Educação Integrada (IBEI)
Rio de Janeiro/RJ – Brasil.
E-mail: adriano3656@gmail.com

Recebido em: 21/11/2022

Aprovado em: 20/12/2022